

O FEMININO VISTO A PARTIR DO ENSAIO “DA QUEDA QUE AS MULHERES TÊM PARA HOMENS TOLOS” DE MACHADO DE ASSIS: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR

THE FEMININE ACCORDING THE ESSAY “DA QUEDA QUE AS MULHERES TÊM PARA HOMENS TOLOS”, BY MACHADO DE ASSIS: AN INTERDISCIPLINARY ANALYSIS

Daniel Iturvides Dutra*

RESUMO: O presente artigo visa analisar certos aspectos do comportamento feminino a partir do ensaio “da queda que as mulheres têm para homens tolos”. Discutiremos como o mito do amor romântico gera um discurso que não condiz com a realidade acerca de certas atitudes femininas, entrando em conflito com a cultura romântica da sociedade ocidental. Para tanto usaremos de textos de autores como esther vilar, robert e. Johnson, francesco alberoni, entre outros para discutir o tema.

Palavras-chave: literatura, mito, mulher, psicologia, romantismo.

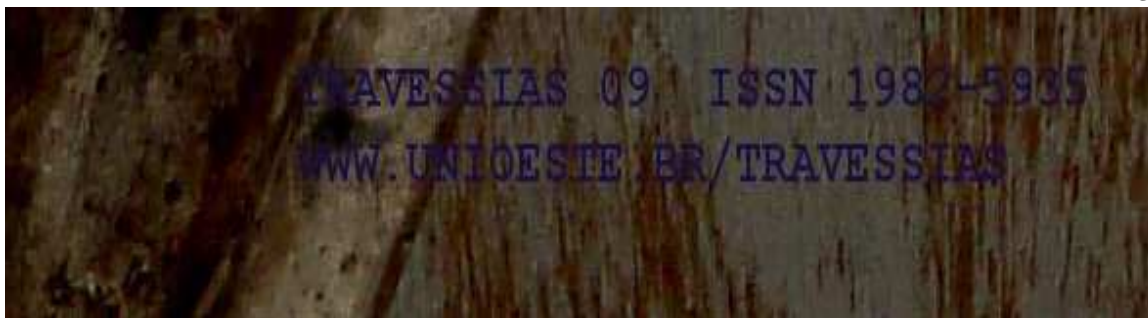
ABSTRACT: The present paper aims to analyse certain aspects from the female behavior using machado de assis essay “da queda que as mulheres têm para homens tolos” as an object of analysis. The goal is to analyze how the myth of romantic love created an wrong idea about the nature of relationships between men and women and how this idea completely differs from reality. For that purpose we will use the works of authors such as esther vilar, robert e. Johnson and francesco alberoni, among others.

Keywords: literature, myth, psychology, romanticism, women.

Na série de documentários “filosofia para o dia a dia”, programa produzido pela rede de televisão britânica BBC dedicado a discutir o pensamento dos principais filósofos da cultura ocidental, o filósofo suíço e apresentador do programa Alain De Botton afirma que Arthur Schopenhauer, em seu ensaio “A Metafísica do Amor”, foi o primeiro a apontar as razões biológicas e inconscientes que influenciam a escolha de parceiros amorosos uma geração antes de Charles Darwin e 60 anos antes de Sigmund Freud. Schopenhauer escreveu:

Por muito desinteressada e sublime que possa parecer a admiração pela pessoa amada, o fim último é tão-somente a criação de um novo indivíduo. [...] Que uma criança determinada seja gerada, é este o verdadeiro alvo de todo o romance de amor, embora os envolvidos não tenham consciência disso: a intriga que leva ao deslance é coisa acessória. (2001, p. 83-84)

* Daniel Iturvides Dutra. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS).E-mail: danieldutra316@gmail.com

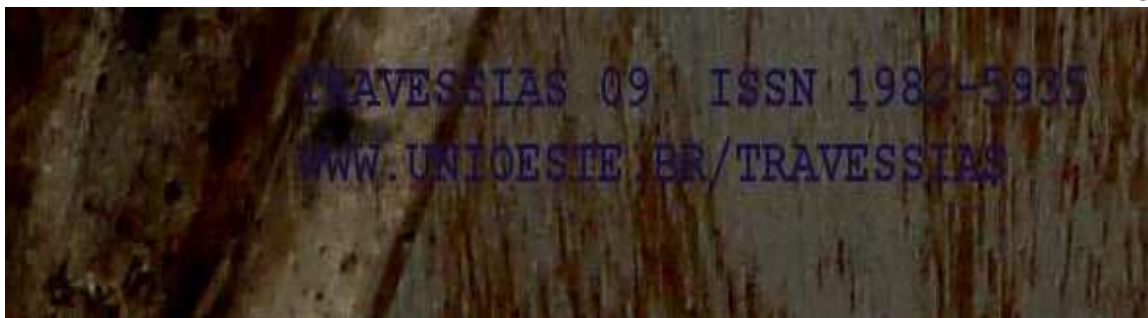


É dentro dessa mesma perspectiva de Alain De Botton que iremos abordar o objeto de análise desse artigo. O primeiro passo dado nas letras por Machado de Assis foi o ensaio “Da queda que as mulheres têm para os tolos” de 1861, originalmente publicado na revista *A Marmota Fluminense* e no mesmo ano em livro. O ensaio consiste em uma série de apontamentos sobre o comportamento feminino. Escrito em um tom bem-humorado, o texto basicamente defende a tese da preferência do sexo feminino por homens canalhas e atrevidos, o que a cultura popular moderna chamaria de “cafajeste”, em detrimento a homens românticos e sensíveis, popularmente conhecidos como “bonzinhos” ou “certinhos”.

Segundo Robert E. Johnson a origem do amor romântico é medieval (data de meados do século XII) e era então conhecido como amor cortês. O amor cortês tratava-se da relação entre um homem e uma mulher em que ela é uma dama casada ou já prometida a outro homem onde um terceiro homem se apaixona por ela. Pelo fato da mulher já ter um esposo ou estar prometida a outro a união tornava-se um amor impossível e o homem apaixonado acaba enfrentando vários obstáculos em nome da sua amada. Com o tempo o amor cortês se transformou e deu origem ao amor romântico da burguesia aristocrática do século XIX. Os galantes trovadores medievais dão lugar aos jovens boêmios deste período, aos poetas, aos cavaleiros, ao modelo de homem romântico que faria qualquer sacrifício para estar com a mulher amada. O romantismo deste período cria uma série de papéis e rituais atribuídos ao homem, desde o simples ato de afastar uma cadeira para a mulher sentar-se ou abrir a porta para ela até realizar serenatas e declamar poemas. Através do amor romântico a mulher começou a ser elevada a uma posição de idolatria, pois, através dele as mesmas passaram a ser vistas sob um aspecto nunca visto antes e para estas poesias e canções exaltando suas supostas virtudes passaram a ser escritas. A partir do amor romântico a mulher passa a ser uma musa que exerce um completo fascínio sobre o homem que a deseja. Robert E. Johnson observa que

o amor romântico tem se manifestado em muitas culturas no desenrolar da história. Nós o encontramos na literatura da Grécia, no Império Romano, na antiga Pérsia e no Japão feudal, mas a nossa sociedade ocidental é a única cultura da história que teve a experiência do amor romântico como fenômeno de massa. (1983, p. 14)

O mito do amor romântico faz parte do imaginário coletivo ocidental. Portanto nada mais natural que a cultura de massa o transformasse em uma grande fonte de lucros, basta observar os inúmeros produtos culturais (filmes românticos, novelas e músicas, etc.) e os lucros

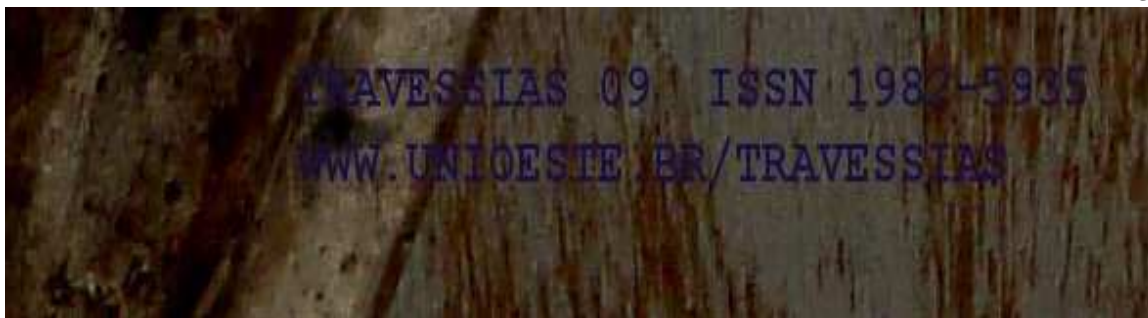


que tais produtos geram. A cultura de massa, por meio de diversos veículos, que vão desde os folhetins do século XIX até os filmes românticos de Hollywood no século XX, perpetuam o mito do amor romântico, fortalecendo o senso-comum de que os homens românticos e sensíveis são os preferidos do sexo frágil. Antes de tudo, vamos conceituar a expressão senso-comum. Senso-comum designa um “saber empírico e imediato que adquirimos espontaneamente sem nenhuma procura sistemática ou metódica e sem qualquer estudo ou reflexão prévia” (FERNANDES, BARROS; 2003, p.14). Sendo assim, o senso-comum é falho, pois este não se baseia no método científico que visa comprovar a hipótese levantada e sim na transmissão de conceitos pré-estabelecidos via tradição e cultura. Sendo assim, se formos nos basear no mero senso-comum concluiríamos que mulheres preferem homens românticos e sensíveis em detrimento de homens de conduta duvidosa. Dessa forma, por mais ilógico que possa parecer à afirmação do ensaio de Machado de Assis sobre a preferência das mulheres por homens tolos, correntes de estudo tão distintas como a psicologia e a sociologia nos dão a resposta para esse traço peculiar da natureza feminina, e é a partir do texto “Da queda que as mulheres têm para os tolos” que analisaremos esses traços. Como já dissemos no começo, o ensaio descreve dois tipos de homens: os “tolos” e os “homens de espírito”. O “tolo” é descrito como o homem ousado, atrevido, que vive como se não houvesse amanhã e não leva nada a sério, incluindo as mulheres e o amor. Por sua vez, “homem de espírito” é o homem romântico e sensível, que coloca a mulher desejada no pedestal e alimenta um forte amor por ela. Seria, em suma, o homem perdidamente apaixonado. O texto descreve o “homem de espírito” da seguinte maneira:

Em matéria de amor, deixa-se o homem de espírito embalar por estranhas ilusões. As mulheres são, para ele, entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias idéias, supões-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele, de generosidade, nobreza e grandeza. Imagina que para agradar-lhes é preciso ter qualidades acima do vulgar. Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito o torna desconfiado, indeciso, atormentado. (ASSIS, 2009)

E mais adiante descreve o “tolo” nos seguintes termos:

O tolo, porém, não tem desses escrúpulos. A intrépida opinião que ele tem de si próprio o reveste de sangue frio e segurança. Satisfeito de si, nada lhe paralisa a audácia. [...] como nos tolos tudo é superficial e exterior, não é o amor um acontecimento que lhes mude a vida: continua como antes a dissipá-lo nos jogos, nos salões e nos passeios. (ASSIS, 2009)

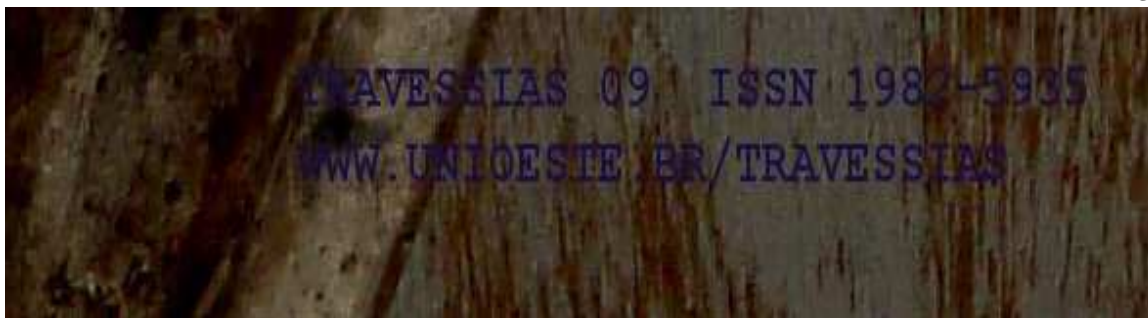


O texto deixa claro a preferência das mulheres pelos homens tolos ao afirmar que “o homem de espírito, em vista do que é, inspira às mulheres uma secreta repulsa. Elas se admiram com o ver tímido, acanham-se com o ver delicado, humilham-se com o vê-lo distinto” (ASSIS, 2009) enquanto observa que o tolo

as anima e fraterniza-se com ela. Eleva-se sem acanhamento nas conversas mais insulsas, palra e requebra-se com ela. Compreende-as e elas o compreendem. Longe de se sentirem deslocadas na sua companhia, elas a procuram, porque brilham nela. (ASSIS, 2009)

Portanto, a partir dos trechos citados temos uma visão panorâmica das principais idéias do texto. O homem de espírito é aquele inquietado por ponderações de ordem ética. É sobretudo um homem cartesiano, que na dualidade mente-corpo, tende à mente, e a trata como fonte do conhecimento superior. Em suma, é um idealista e negador dos instintos, cultuador da metafísica e dos além mundos, é um homem de ideais elevados. Portanto, o homem de espírito é romântico com a mulher porque é romântico com todo o resto, ou senão, é romântico em todo o resto, e tem a mulher como último esteio de seus sentimentos, depurados e lapidados por todas as suas ponderações de ordem ética e universal. O homem tolo, por ser incapaz de ver as muitas nuances do mundo não é capaz de rejeitá-lo, e tampouco objetar-se a nada. Sobre a cultura do cavalheirismo e romantismo Esther Vilar afirma que a mulher, ao assumir a “persona” da donzela indefesa coloca-se em uma posição de usufruto das ações sociais, sem precisar arcar com as responsabilidades, o que fica a encargo dos homens. A mulher, portanto, fica como beneficiária por colocar-se na posição de sexo frágil. Assim ela não precisa sofrer as conseqüências de suas ações. È o que Vilar chama de “amestração do homem por auto-humilhação feminina”. Sobre essa questão a autora comenta:

Existem muitas formas e variantes de métodos de amestração feminina, e levar-nos-ia muito longe indicar cada um em particular. [...] Todo que homem que quiser ter êxito junto das mulheres (e qual deles não o quer?) terá que possuir, se possível, outra aptidão além de inteligência, orgulho aplicação e perseverança: tem que saber como se deve comportar diante de mulheres. Há para esse efeito determinadas normas que as mulheres inventaram expressamente com essa finalidade: são as chamadas boas maneiras. Elas impõem que todo o homem que se preza tem que qualquer, em qualquer altura, como um rainha, e que, por seu turno, toda mulher, que se preza, tem que dar ao homem a oportunidade de a tratar, seja em que ocasião for, como uma rainha. (1972, p.72)



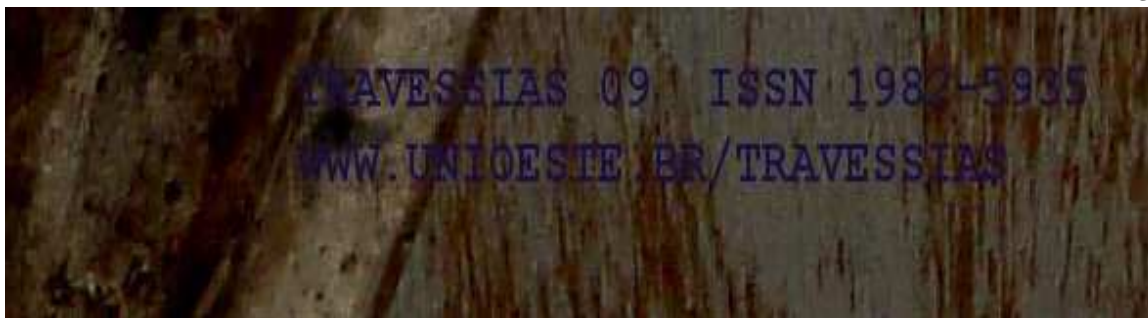
Se Esther Vilar afirma que a mulher se acomoda não por uma questão de alienação de classe, mas que têm plena consciência do que faz e age de tal forma para manter as vantagens que o “Status Quo” traz para ela, Simone de Beauvoir afirma que isso serve aos propósitos de manutenção do patriarcado, embora reconheça que não se trate de uma intenção deliberada de dominar por parte dos homens e muito menos um esquema proposital das mulheres para garantir certos privilégios (ao contrário de Esther Vilar). Seja quem for que esteja certa, o fato é essas condutas sociais estimulam a acomodação das mulheres. Segundo Simone de Beauvoir esse é um dos principais obstáculos da mulher para adotar verdadeiramente o feminismo, a autora afirma que é muito tentador para a mulher aceitar os mimos e facilidades de um namorado, chefe ou homem poderoso, tornando-se assim acomodada, pois não aceitar seria ir tanto contra um sistema já montado há milênios como abrir mão das facilidades que esse sistema oferece.

O sociólogo Francesco Alberoni comenta que “os homens que não ficam prisioneiros do amor, que não mergulham apaixonadamente na aventura [amorosa], parecem-lhes [as mulheres] frios, desumanos, cruéis” (1986, p. 37) e conclui que “é difícil para uma mulher aceitar a idéia de não conseguir conquistar o homem que deseja, ou conservar o que tem. Na mulher também há o aspecto coletivo do erotismo e este se apresenta como conquista, manipulação, domínio” (1986, p. 41). Nessahan Alita afirma que as mulheres são

movidas pelo desejo inconsciente de manter o maior número possível de machos desejando-a, para criar um clã matriarcal, as fêmeas elaboram sofisticadas estratégias psicológicas para se exporem ao desejo sem serem responsabilizadas. A grosso modo, podemos dividir os machos que procuram em dois tipos: o provedor e o amante. Lutam incessantemente para submeter a todos e quando se deparam com um que não se submete, este se torna um grande problema emocional. Os que se submetem servem para serem provedores, maridos, e os que não se submetem servem para serem amantes, recebendo carinho, amor e sexo de boa qualidade.

A auto-estima de uma mulher é definida pela quantidade de machos que a desejam e perseguem. Necessitam sentirem-se desejadas, razão pela qual incessantemente criam mecanismos para se exporem ao desejo e se esquivarem da fúria dos machos que já conquistaram. [...] O carinho feminino não é uma retribuição ou um reflexo do amor masculino, mas uma estratégia para conquista e aprisionamento. É por isto que sempre é direcionado somente àqueles que não as amam. É, igualmente, desviado dos apaixonados e submissos. (2005, p. 30-31)

Portanto, as estratégias psicológicas femininas para acumular o maior número de pretendentes possíveis consistem justamente em exigir condutas de romantismo e cavalheirismo



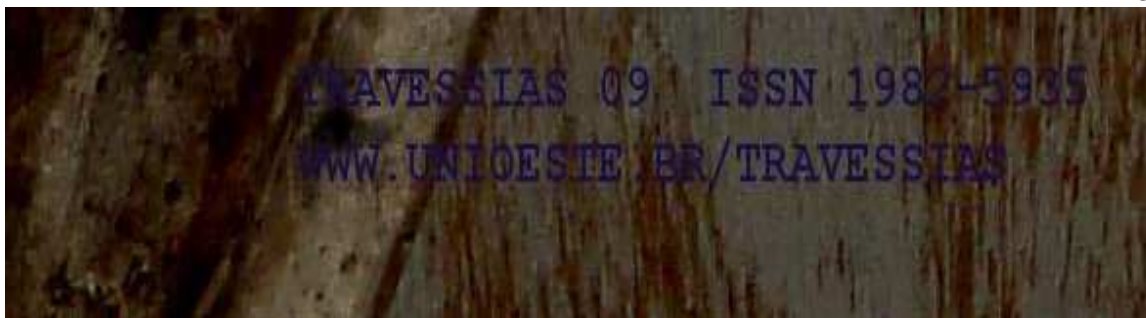
dos homens. O provedor e o amante citados por Nessahan Alita são o equivalente do “homem de espírito” e o “tolo” do texto de Machado de Assis. O “homem de espírito”, em última instância, é o romântico perdidamente apaixonado consagrado pela literatura e demais expressões artísticas. Apesar dele cumprir com todas as expectativas das condutas de romantismo e cavalheirismo, acreditando que irá ser recompensado por sua amada pelos esforços, na prática isto não ocorre. A passagem abaixo, extraída do texto de Machado de Assis sintetiza bem a questão:

O homem de espírito vê no amor um grande e sério negócio, ocupa-se dele como do mais grave interesse de sua vida, sem distração, nem reserva. Pode perder nele algumas das suas qualidades viris, mas é para crescer em abnegação, em dedicação, em bondade. Suporta tudo daquela que ama, sem nada exigir dela. Quando ela atende a alguns dos seus votos, quando previne alguns dos seus desejos, longe de ensoberbecer-se, agradece com uma efusão mesclada de surpresa. Perdoa-lhe generosamente todos os males que lhe causa, porque, muito orgulhoso para enraivecê-lo ou lastimar-se, não sabe provocar, nem a piedade que entenece, nem o medo que faz calar. Oh! Que inferno, se a má ventura lhe depara uma mulher bela e má, uma namorada fria de sentidos, ou uma moça de rabugice precoce! Sofre então vivamente com a perfídia da mulher amada, mas desculpa-a pela fragilidade do sexo. A sua indulgência pode então conduzi-lo á degradação. Ele segue a olhos fechados o declive que o arrasta ao abismo, sem que a queixa, a ambição e a fortuna que possam retê-lo. (ASSIS, 2009)

São objetos de desejo feminino justamente aqueles que não fazem o jogo do amor romântico e do cavalheirismo, ou seja, os “tolos”, que criam para si uma imagem de inacessibilidade, tornando-se um desafio ao poder de sedução da mulher.

Os psicólogos clínicos Connell Cowan e Melvin Kinder comentam que o homem atraente para as mulheres é “fascinante, dinâmico e um tanto misterioso” (1992, p.75) e que na medida em que um homem que não possui essas qualidades este deixa de ser interessante tanto do ponto de vista sexual como afetivo. O “homem de espírito”, como as passagens citadas mostram, entrega o coração a mulher amada abertamente, eliminando qualquer aura de mistério e fascínio que possa exercer. O êxito do “tolo” reside justamente no fato de que o “tolo”, ao contrário do “homem de espírito”, jamais se entrega de coração a mulher, e torna-se assim, interessante aos olhos dela. Connell Cowan e Melvin Kinder afirmam que

as mulheres em geral procuram estados de tensão, desafio e excitação nos relacionamentos, porque quando garotas foram condicionadas a encarar os relacionamentos como um objetivo primário na vida. Os homens, por sua vez, foram ensinados a procurar emoções fortes em seus trabalhos e competições



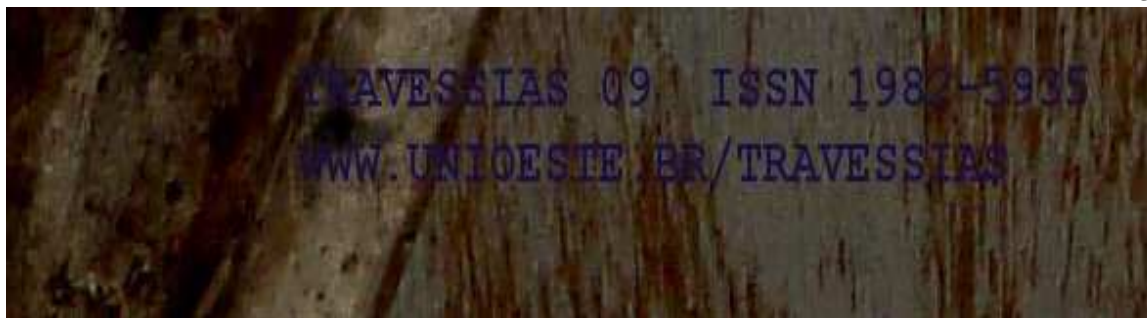
atléticas; assim, tendem a encarar os relacionamentos como menos fundamentais. A maioria dos homens tendem a procurar tranquilidade nos relacionamentos. [...] As mulheres são mais propensas a se lançarem em situações emocionais perigosas, enquanto os homens tendem a evitar a possível rejeição e perigo. (1992, p. 78)

Aí jaz o sucesso do homem “tolo” com as mulheres. Ao romperem com as normas padrões de cavalheirismo e romantismo tornam-se imprevisíveis, destacando dos demais homens e gerando a aura de mistério e situações emocionais perigosas que mulheres fantasiam em seus relacionamentos. Connell e Kinder seguem sua explanação afirmando que homens que criam uma aura de mistério, segurança e auto-confiança agem de tal forma para esconder suas próprias fraquezas e inseguranças, geralmente provindas de uma relação problemática com a figura materna. Porém, aos olhos das mulheres as atitudes enigmáticas desses homens criam uma lacuna no imaginário da mulher e abrem margem para as fantasias femininas fluírem. O ensaio de Machado de Assis exemplifica o comportamento de mistério e enigma do “tolo” na passagem abaixo:

Como não é ele quem ama, é ele quem domina. Para vencer uma mulher, finge, por alguns momentos, o excesso de desespero e da paixão; mas isso não passa de um meio de guerra, tática de cerco para enganar e seduzir o inimigo. Logo depois recobra a tirania e não abdica mais. Para entreter-se nisso, tem o tolo o seu método, as suas regras e a sua linha de conduta. É indiscreto por princípio, porquanto, divulgando os favores que recebe, compromete a que lhes concede e ao mesmo tempo afasta as rivalidades nascentes. É susceptível pela razão e cioso por cálculo, a fim de promover esses proveitosos amuos que lhe servem, a seu grado, para conduzir a uma ruptura definitiva ou para exigir um novo sacrifício. Mostra uma cruel indiferença, indicando pouca confiança nas provas de simpatia que se lhe dão. [...] Aflige-a com aparências de infidelidade, falta à hora marcada para se encontrarem, ou, depois de se ter feito esperar, vem dando desculpas equívocas de sua demora. Hábil em semear a inquietação e o susto, faz-se obedecer à força de ser [intolerante?], e acaba por inspirar uma afeição sincera à força de promovê-la. (ASSIS, 2009)

Outros dados que reforçam o argumento de Connell e Kinder é a observação que os autores fazem de símbolos sexuais do cinema como James Dean e Marlon Brando, atores que se consagraram em papéis de desajustados e rebeldes, e que em colégios os garotos bagunceiros costumam monopolizar a atenção das meninas. Os autores afirmam que

para as “boas” moças, exortadas a se comportarem a maneira conveniente, esses rapazes sabiam de tudo sobre a vida perigosa e arriscada.[...] A companhia deles faziam com que as moças se sentissem, mesmo que apenas indiretamente, mais livres e mais vivas. (1992, p. 79)



Concluindo, a partir da comparação entre a temática de “Da queda que as mulheres têm para os tolos” e os trabalhos científicos das áreas da psicologia e a da sociologia sobre o comportamento feminino não seria nenhum exagero retórico afirmar que, assim como Arthur Schopenhauer preconizou as descobertas da biologia no que diz respeito a seleção natural e ao desejo biológico de perpetuação da espécie, o ensaio “Da queda que as mulheres têm para os tolos” também traz uma série de reflexões que mais tarde seriam corroboradas pela sociologia e pela psicologia. Esses fatos apenas demonstram o valor da observação empírica da filosofia e da literatura no processo de compreensão da realidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. *Da queda que as mulheres têm para os tolos*. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/arquivos/html/miscelanea/mams02.htm>. Acesso em 25 de fevereiro de 2010.
- ALBERONI, Francesco. *O Erotismo – Fantasias do Amor e Realidades do Amor e da Sedução*. Editora Círculo do Livro. 1986.
- ALITA, Nessahan. *Como Lidar com as Mulheres: Apontamentos sobre o perfil comportamental feminino nas relações com o homem*. Terceira edição virtual independente. 2005.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo – A experiência Vivida*. Editora Nova fronteira. 1949.
- COWAN, Connell. KINDER, Melvyn. *Mulheres Inteligentes, Escolhas Insensatas*. Editora Rocco.1992.
- DE BOTTON, Alain. *Philosophy: a guide to happiness*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GBaeUgoePHQ> acesso dia 25 de fevereiro de 2010.
- FERNANDES, Marcello, BARROS, Nazaré. *Filosofia: 10º ano*. Lisboa: Lisboa Editora, 2003.
- JOHNSON, Robert A. *A Chave Psicológica do Amor Romântico*. Editora Mercuryo. 1983.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A Metafísica do Amor*. Editora Martin Claret. 2001.
- VILAR, Esther. *O Homem Domado*. Editora Nórdica. 1972.